

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

#### (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

Eu, Daniela de Fátima Barbosa Gonzales, portadora do RG: 34.614.439-5, estudante regularmente matriculada no Mestrado Profissional em Educação Inclusiva, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, campus de Presidente Prudente, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Candida Soares Del-Masso, venho por meio deste convidá-lo(a) a participar da pesquisa que desenvolvo intitulada “ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: Possibilidades e desafios na prática pedagógica no ensino bilíngue de Surdos”.

A pesquisa tem por objetivo analisar as dificuldades enfrentadas pelos professores ouvintes que atendem estudantes com surdez no que se refere à alfabetização e ao letramento realizados nas Escolas Municipais de Educação Bilíngue para Surdos (EMEBS), da Prefeitura Municipal de São Paulo, assim como as práticas pedagógicas adotadas e quais as estratégias e metodologias de ensino utilizadas que corroborem para o desenvolvimento pleno da competência leitora. Caso aceite participar desta pesquisa, sua participação acontecerá mediante a realização de uma entrevista contendo questões abertas, que serão gravadas para posterior transcrição e análise de dados. A entrevista será gravada em áudio e caso o participante não aceite a gravação, poderá ser realizada a anotação das respostas em caderno de notas. As questões versarão sobre a sua vivência nas práticas pedagógicas com estudantes Surdos, além de compreender os aspectos que envolvem o seu fazer pedagógico. O tempo estimado da entrevista não irá exceder 25 minutos.

Como qualquer pesquisa que envolve a participação de seres humanos, esta oferece alguns riscos, que embora sejam mínimos, estão relacionados especialmente aos sentimentos decorrentes da exposição das ideias e opiniões dos participantes que serão registradas na entrevista, como inibição, vergonha e desconforto. Para minimizar estes riscos, não haverá questões de foro íntimo ou pessoal, o(a) participante poderá responder apenas às perguntas que desejar, sem nenhuma implicação. As entrevistas serão conduzidas em locais privados sem a presença de terceiros.

Caso ocorra algum incidente, a pesquisadora tomará as providências para a solução imediata do problema. O(a) participante poderá consultar a pesquisadora responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone pessoal e/ou da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida e poderá recusar-se a participar ou ainda abandonar o estudo a qualquer momento, sem nenhum tipo de penalização. Em relação aos benefícios, a sua colaboração nesta pesquisa contribuirá para avaliarmos e traçarmos caminhos para a Educação de Estudantes Surdos e a Formação de Professores construindo possibilidades e estratégias para a inclusão efetiva e plena de conhecimentos que favoreçam a inclusão escolar desses estudantes com deficiências.

Os dados coletados neste estudo serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e publicados em revistas e congressos científicos, de forma que sua identidade pessoal será mantida em sigilo.

Você não terá nenhum tipo de despesa com a participação nesta pesquisa, bem como, não será remunerado para participar da mesma.

Se você se sentir suficientemente esclarecido(a) sobre esta pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com a pesquisadora.

Participante:
Nome:
Instituição/ Escola:
R.G.
Endereço:
Fone/Celular:

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora responsável

Pesquisadora Responsável: Daniela de Fátima Barbosa Gonzales  
(11) 98022-8933 e-mail: [daniela.gonzales@unesp.br](mailto:daniela.gonzales@unesp.br)  
Cargo/Função: Mestranda

Profa. Dra. Maria Candida Soares Del-Masso  
Cargo/Função: Orientadora da Pesquisa  
e-mail: [del.massso@unesp.br](mailto:del.massso@unesp.br)

Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da FCT

Instituição: Faculdade de Ciências e Tecnologia – Unesp – Câmpus de  
Presidente Prudente

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305  
Bairro: Centro Educacional  
Presidente Prudente/SP – CEP 19060-900

Telefone: (18) 3229-5316 – Seção Técnica de Pós-Graduação

**APÊNDICE B – Roteiro de formulário**

Feito via *Google Forms*

**Pesquisa de mestrado: Alfabetização e Letramento de Estudantes Surdos nos Anos Iniciais**

Olá Professor!

Sou a pesquisadora Daniela Gonzales e convido você professor regente de turmas dos Anos Iniciais a participar de minha pesquisa intitulada: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: desafios e possibilidades na prática pedagógica no ensino bilíngue de Surdos.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as dificuldades enfrentadas pelos professores ouvintes que atendem estudantes com surdez do 1.º ao 5.º ano, no que se refere à alfabetização e letramento realizados nas Escolas Municipais de Educação Bilíngue para Surdos - EMEBS, da Prefeitura Municipal de São Paulo.

Este estudo será de grande importância para o desenvolvimento de cursos que corroborem com a prática pedagógica, trazendo estratégias de ensino diferenciadas para este público-alvo.

Peço que preencha este formulário informando seu interesse em participar desta pesquisa, que se dará por meio de uma entrevista realizada em um único dia, em data e horário previamente acordado com a gestão de sua unidade escolar, a entrevista terá duração de aproximadamente 1 hora.

Conto com sua colaboração!

**PERGUNTAS**

E-mail: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

**Emebs onde ministra aulas:**

- ( ) EMEBS MADRE LUCIE BRAY
- ( ) EMEBS MÁRIO PEREIRA BICUDO, PROF.<sup>a</sup>
- ( ) EMEBS ANNE SULLIVAN
- ( ) EMEBS HELEN KELLER
- ( ) EMEBS NEUSA BASSETTO

**Você tem interesse em participar desta pesquisa?**

- ( ) SIM
- ( ) NÃO

**APÊNDICE C – Formulário aos pesquisados**

E-mail: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

**Nesta escola você é:** EFETIVO CONTRATADO**A quanto tempo trabalha nesta escola?**

\_\_\_\_\_

**Informe sua formação acadêmica: Neste item podem ser informados cursos de graduação, pós-graduação e cursos de aperfeiçoamento que venham ao encontro com a área da surdez:**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Como você avalia o seu conhecimento em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS:** CONHECIMENTO BÁSICO CONHECIMENTO INTERMEDIÁRIO CONHECIMENTO AVANÇADO - FLUENTE**Muito obrigada por sua valorosa contribuição, nos encontraremos em breve!**

## **APÊNDICE D – Roteiro de Entrevista**

### **Entrevista com Professores Bilíngues**

1. O que você entende por Bilinguismo na Educação de Surdos?
2. Que metodologias você utiliza para ensinar a Língua Portuguesa para os estudantes Surdos?
3. Quais as dificuldades enfrentadas por você no processo de ensino da Língua Portuguesa na modalidade escrita?
4. Você participa ou participou de cursos de formação continuada oferecidos pela SME que tenham contribuído com sua prática bilíngue?
5. Você recebe orientação pedagógica da coordenação quanto às estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas para os estudantes Surdos?
6. Quais facilidades você tem em seu contexto profissional atual?
7. Quais dificuldades?
8. Você teria sugestões em como melhorar o seu contexto profissional? Como?
9. O que você entende por Alfabetização de Surdos?
10. O que você entende por Letramento de Surdos?

## APÊNDICE E – Entrevistas coletadas

Relatos completos

### O QUE VOCÊ ENTENDE POR BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS?

Participante	Respostas
<b>JOANA</b>	Eu entendo como duas línguas, Libras como L1, língua de instrução e comunicação, e a Língua Portuguesa como L2, sendo essa na modalidade escrita
<b>RAFAELA</b>	A Libras como primeira língua é a Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua.
<b>CARLA</b>	Eu entendo que o bilinguismo é a prática e o ensino de duas línguas, <i>né?</i> E não uma como escada <i>pra</i> outra, mas duas línguas que são ensinadas, aprendidas e vivenciadas na prática.
<b>LETÍCIA</b>	<i>Pra</i> mim o bilinguismo é quando eu ensino ambas as línguas de uma maneira que essa criança ou estudante <i>ele</i> consiga se virar, <i>né</i> , na sociedade tanto no português escrito quanto na Libras. Então o que a gente ensina na escola teria que ser algo que ele <i>na</i> Libras e visualmente português escrito, <i>né?</i> Seria isso.
<b>CRISTINA</b>	Entendo por Bilinguismo a proficiência linguística em duas línguas. No caso, sujeitos Surdos Brasileiros com competência e habilidades para comunicar e interagir com outros sujeitos. O que também habilita o sujeito a Ser e Interagir nas diferentes relações sociais. Entendo o Bilinguismo na Educação de Surdos mais que o uso de duas línguas, também como filosofia educacional que além de implicar o comunicar, ler, analisar, escrever (seja na Língua de Sinais, seja na Língua Portuguesa) envolve as questões culturais de uma Comunidade. O que também deveria mobilizar um sistema educacional diferenciado para atender as demandas e processos da Educação para pessoas Surdas.

### QUAIS AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR VOCÊ NO PROCESSO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA MODALIDADE ESCRITA?

Participante	Respostas
<b>JOANA</b>	Para mim, o maior desafio é entender muitas vezes como passar para os alunos alguns conceitos, através da língua escrita de forma que ela não fique muito focada nas línguas orais, ou que sejam palavras soltas e ensinadas descontextualizadas, onde o aluno até decora aquela palavra, mas não atribui significado dentro de um contexto. Sinto que as nossas práticas ainda partem de uma pedagogia de ensino para ouvintes, sinto que precisamos focar mais na visualidade.
<b>RAFAELA</b>	Optou em não responder a pergunta.
<b>CARLA</b>	Bom, pensando assim em séries iniciais mesmo? Eu percebo que como nós estamos falando aqui na EMEBS, <i>né?</i> De línguas de modalidades diferentes, a gente passa por questões de significado que atravessa o que a gente chama de L1 um da criança, <i>né?</i> Que pelo fato de não ouvir, então seria uma língua gestual, visual, <i>né?</i> seria pra ele perpassar por essa língua que vem com a

	<p>naturalidade do ser, né? Então, um grande desafio a essa criança entrar aqui tardiamente e aí a gente vai ao invés da gente trabalhar o desenvolvimento dessa língua já <i>né</i>? Perpassar a questão da Língua Portuguesa de uma maneira mais <i>hum</i> fazendo correspondência, fazendo contraste entre línguas, <i>né</i>? Você se vê precisando significar o mundo pra essa criança na língua de sinais. Então, o desafio, pensando aí nas séries iniciais, no primeiro ano, minha turminha da tarde, pensando nesse sentido, é esse, veja bem, há um mês eu recebi uma criança nova, ela vai fazer sete anos agora nesse mês e ela entrou aqui sem nada de Libras, ela não tem resíduo auditivo, ela não tem oralização em Língua Portuguesa, nada, uma menina superesperta, superinteligente, já consegue se comunicar e fazer várias correspondências e tudo mais, mas não dá pra gente entender que é um processo simples, todo o processo de língua demanda tempo, né? Por isso que tem estimulação desde que é bebê novinho, Surdo, né? Indiferente. Então, eu penso isso, eu penso que o grande entrave hoje é essa aquisição de língua tardia, a criança chega aqui pra gente desenvolver a Libras como <i>a gente</i> numa escola regular pra ouvinte, <i>a gente</i> desenvolve a oralidade através de histórias, rodas de conversa, é isso que você vai fazer aqui. Não, você não vai, ela vai estar em fase de aquisição e aí depois <i>a gente vai</i> corresponder essa língua com outra, que é de outra modalidade. Então, é por isso.</p>
<b>LETÍCIA</b>	<p>No meu caso eu já tive experiências com o quinto ano de uma menina surda chegar na escola, ela estava em escola regular, não tinha intérprete, não sabia Libras, começou a aprender aqui e o português acaba ficando pra trás, porque ela não sabe se comunicar em Libras, não sabia relacionar as coisas, né? Não tinha o significado e quando ela começa a aprender português escrito, a Libras e aquilo faz o significado <i>aí</i> começa a aprendizagem <i>né</i>? Nas duas línguas, o desenvolvimento fica claro. Mas a dificuldade mesmo é a questão de iniciar na escola tardiamente mesmo, o processo linguístico tardio na Libras, também a questão das famílias não se comunicarem é uma grande dificuldade pra gente, não saber Libras. Também a questão dos múltiplos, né? Múltiplas deficiências, porque <i>aí</i> a criança chega aqui tardiamente sem saber Libras, sem se comunicar, sem conseguir significar o mundo e ainda <i>a gente</i> que percebe outras deficiências, <i>aí</i> procura um especialista que possa nos ajudar <i>né</i>, a caminhar nesse desenvolvimento. Mas a questão tardia complica muito, no desenvolvimento, muito mesmo.</p>

<b>CRISTINA</b>	<p>Nos 24 anos em efetivo contato com o processo de ensino de Língua Portuguesa na modalidade escrita para Surdos, sinto como grandes desafios o entendimento da importância de metodologias específicas para o ensino de L2 para Surdos e a capacitação adequada para Professores Alfabetizadores de Surdos. Quando participamos de formação na DRE, muitas vezes somos colocados em "modo espera". "Espera, pois no caso de vocês da Emebs a questão é diferente e aqui estamos tratando da RME como um todo" - exemplo constante de falas de formadores de DRE. E a pergunta que faço sempre: Mas não fazemos parte da Rede Municipal de Educação?</p> <p>Ausência de profissionais capacitados e com abertura para reflexão - ação (parcerias) para realmente discutir as questões de sala de aula no que diz respeito Ensino de LP para Surdos (Formadores na DRE, SME). Acadêmicos e Formadores com Experiência em Escolas Particulares para Surdos apresentam outras realidades que colaboram com a nossa formação, mas não retratam a realidade das EMEBS.</p> <p>Clareza da própria Gestão Municipal sobre os processos de ensino de línguas para Estudantes Surdos. Receber estudantes com pouco experiência linguística e poucas experiências de mundo (capital cultural). Falta de materiais adequados para ensino em sala de aula. As publicações da RME, em sua maioria são materiais de uso para Ensino de Língua Portuguesa como L1. E nestes dois últimos anos, por exemplo, as publicações que são distribuídas não atingem as necessidades dos alunos (Trilhas de Aprendizagem, Cadernos da Cidade, Caderno Conhecer Mais). Recebemos materiais prontos que nem sempre estão vinculados com o Planejamento da Turma/Ano/Ciclo. Falta de apoio de gestores públicos e, infelizmente muitas vezes dos próprios gestores da Rede de Ensino que colocam Estudantes Surdos e Profissionais da EMEBS no Espaço de Invisibilidade e Desconhecimento.</p> <p>Desqualificação do nosso trabalho de docentes. Docentes que estão diariamente ativos nas salas de aula e em contato com os sujeitos e suas demandas nos Ciclos de Alfabetização e Ciclo Interdisciplinar (Fundamental I).</p> <p>Desafios para a Formação Continuada e Incentivo para nós docentes que desejamos dar continuidade a Formação Acadêmica (<i>Mestrado, Doutorado</i>).</p> <p>Famílias pouco participativas das questões educacionais de crianças, jovens e adultos Surdos em Processo de Alfabetização (incluo aqui a EJA). O que resulta em não estimular leituras, devolutivas de tarefas para casa, participações em eventos culturais e da própria Comunidade Surda.</p> <p>Equipe Gestora não qualificada para orientar, discutir, apoiar, analisar as práticas pedagógicas e os resultados apresentados pelos estudantes por alegarem não serem da área (pedagogos, professores alfabetizadores, licenciados em Letras).</p>
-----------------	---



	<p>Escassez de tempo para pesquisa e elaboração de atividades que atendam as demandas dos estudantes. Devido a dupla, tripla jornada docente ou a participação de Grupo de Jeif que não corresponde ao Ciclo de Alfabetização e que apresenta discussões e demandas do Ciclo Autoral.</p>
--	---

**VOCÊ PARTICIPA OU PARTICIPOU DE CURSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA OFERECIDOS PELA SME QUE TENHAM CONTRIBUÍDO COM SUA PRÁTICA BILÍNGUE?**

<b>Participante</b>	<b>Respostas</b>
<b>JOANA</b>	Sim, sempre que possível participo desses cursos. Alguns agregam saberes, outros em alguns momentos são um pouco fraco. Percebo que a SME, também tem tentado avançar diante desses desafios.
<b>RAFAELA</b>	Sim.
<b>CARLA</b>	<p>Cursos de formação continuada? Não. Mas como eu falei, né? Participamos de grupos de estudos onde você vai pra agregar valor, mas você também recebe esse valor de volta, porque você tá ali discutindo questões práticas e tudo mais. Quando nós fizemos mesmo os Grupos de Trabalho que nós tivemos com a Cris Pereira durante o período de pandemia, com a Daniele Rocha, é tudo muito rico, mas ao mesmo tempo que você tá ali pra levar a sua experiência, pra fornecer atividade, você tá recebendo em pesquisa, em teoria e vamos discutir. Então, é assim, né? Não que “abrir um curso, tal e aqui você vai...” isso não. Eu nem sei se teve, né? Eu já participei fora, alguns anos atrás, mesmo o congresso de tradução e interpretação que tem em Florianópolis, pela UFSC, já fui, mas por minha iniciativa, por minha vontade de compartilhar e receber e aprender. Então não, se for esses cursos oferecidos assim, não.</p> <p>Quando teve a implementação da escola bilíngue em 2011, tiveram alguns encontros com a equipe de assessoria bilíngue, era organizado pela Cristina Lacerda e na equipe tinha o Vinicius Nascimento e tinha a Neiva também. A Neiva Aquino que é irmã da Vânia... elas produzem muita coisa aí na comunidade surda. Foi esse</p>

	<p>pessoal que fez a implementação e a assessoria bilíngue. E aí tinham outros profissionais que trabalhavam dentro das escolas bilíngues como... nossa fugiu a palavra... não é como monitores, eles eram como se eles fossem tutores dentro das nossas escolas. Então tinha o Vinícius Nascimento, enfim vários profissionais assim bem gabaritados na área da surdez e educação, enfim... e eles <i>iam</i> nas escolas, cada um tinha uma EMEBS ali com uma responsabilidade pra entender como que <i>tava</i> sendo a implementação e também tinham os encontros, né? Pra trabalhar o que era e qual era o conceito bilíngue e quais os caminhos a seguir. Então quando teve a implementação teve esse olhar da SME em relação aos profissionais que estavam dentro da escola. Até mesmo porque antes da escola bilíngue, da lei né... Meio que se fazia o que queria, por mais que o bilinguismo já tivesse aí a lei da LIBRAS nã nã nã ... quando eu entrei eu falei: Gente! Como assim? Ah não! Esse professor prefere que no momento da aula ele oraliza e aí o o estudante não sei o que... Aí aquele professor não sei o que... Aí eu falava: Gente, não tinha um caminho... aí quando implementou era diferente, então agora chegaram os profissionais Surdos mesmo, agora as aulas são em Libras mesmo. Tanto que aconteceram situações de remoção, né, e aí vieram os professores especialistas que estavam fazendo formação no Mackenzie por exemplo a pós-graduação, chegaram esses profissionais, então foram várias mudanças que e nesse dado momento específico teve essa formação pra que a rede que não <i>tava</i> preparada, que vinha de muitos anos, de várias mudanças das escolas pra Surdos, né? tinha a professora ali que viu no oralismo de quando era EMEDA, né? Aí virou EMEE e aí de repente era EMEBS, aí cada hora te conta uma história, né? Como que é agora, então teve esse processo.</p>
<b>LETÍCIA</b>	<p>Eu participei de Grupo de Trabalho que a gente fez do Currículo Bilíngue de Língua Portuguesa para Surdos, mas curso de formação não. Só pessoal mesmo, de eu buscar o curso, congresso, de participar de congresso, mas pela prefeitura não. Tanto que no Grupo de Trabalho eles falaram que teria esses cursos de formações, <i>né?</i> Mas até hoje não foi fornecido.</p>
<b>CRISTINA</b>	<p>Nestes 24 anos de Servidora Pública Municipal atuando exclusivamente em EMEBS, procurei participar de todas as Formações que tive acesso ou que tive permissão para participar. Dependendo do entendimento dos gestores na ocasião e circunstância - não somos autorizados a sair da sala de aula. Creio que estar em contato com formadores e educadores que compartilham de práticas pedagógicas e assuntos afins sempre contribuem com minhas práticas e reflexões.</p> <p>Participei de formação com a professora Cristina Pereira na EMEBS Helen Keller, de vários GTs em SME com Neiva Aquino, Sylvia Lia, Cristina Lacerda, Lillian Nascimento, Felipe Venâncio Barbosa, entre outros da área da Surdez.</p> <p>Fui orientadora da sala de leitura durante oito anos e todas as formações sobre Letramento, mediação de leitura, leitura e escrita foram primordiais para a amplitude da minha prática bilíngue. Mas</p>

	confesso que sempre busquei fora da SME as formações que realmente contribuía com as análises metodológicas do ensino de Língua Portuguesa para Surdos.
--	---

QUAIS FACILIDADES VOCÊ TEM EM SEU CONTEXTO PROFISSIONAL ATUAL?

Participante	Respostas
<b>JOANA</b>	Eu me considero muito criativa, não tenho dificuldades de elaborar uma atividade, mas como o maior desafio é pensar nessa atividade de forma visual, para atender meu aluno Surdo, isso em alguns momentos leva bastante tempo, e nem sempre temos esse tempo disponível, dentro da nossa rotina. Mas acredito que a criação de atividades e ideias, chega a ser um problema para mim.
<b>RAFAELA</b>	Ter instrutores na escola é um facilitador, são um apoio.
<b>CARLA</b>	<p>Materiais concretos como aqueles, por exemplo, que eu trabalho com os meninos da manhã, entendeu? Então, eu estou trabalhando o corpo humano, eles podem pegar, né? Mesmo ali na imagem, os dois (<i>alunos</i>) não são só Surdos de manhã. Então, você traz uma outra possibilidade de compreensão que ele olha ali, aí olha pelo menos <i>pro</i> amigo e fala, opa, espera aí então por dentro, né... E também tem a possibilidade até de entender o que ele tem de conhecimento prévio né. <i>A gente</i> tem essa possibilidade de materiais visuais diferenciados.</p> <p>A rede de internet, às vezes eles tem alguma dúvida você já abre na hora. Na hora. É demais! Desde a hora que chega até a hora de ir embora você usa o tempo todo porque às vezes você faz ... por exemplo, as crianças pequenas em aquisição de língua e tal. Às vezes você faz um sinal e aí a criança faz assim (<i>expressão de dúvida</i>) né? Então se é alguma coisa concreta mais simples, você vai mostrar imagem, mas mesmo pra construção de um conceito você consegue <i>linkar</i> com outras imagens, né? Então facilita demais.</p>
<b>LETÍCIA</b>	<p>Aqui na escola, na nossa escola, eu não sei nas outras EMEBS, <i>a gente</i> tem a oportunidade de ter um data show, de ter notebook, sala de leitura com livros que <i>a gente</i> pode utilizar com imagens que ajudam não necessariamente são para os anos que <i>a gente</i> atua, mas tem outros livros que <i>a gente</i> pode usar as imagens pra utilizar na sala. Um acervo rico. Bem importante pra gente utilizar.</p> <p>Possibilidade de criar também materiais, se precisar de alguma coisa <i>a gente</i> pode solicitar, com o tempo necessário <i>a gente</i> tem o material. Por exemplo <i>pra</i> educação infantil <i>a gente</i> solicitou os itens de medicação de dentista que <i>a gente</i> pediu os brinquedos, aí foi comprado também e dá pra gente utilizar na sala. Então tem esses materiais que <i>a gente</i> consegue utilizar. Então isso facilita né? Não sei se nas outras escolas tem essa facilidade. <i>A gente</i> tem um notebook em cada sala, o nosso próprio notebook também, né? Isso facilita muito. É porque essa questão do notebook <i>a gente</i> tem a facilidade de montar as aulas em <i>PowerPoint</i> e acesso a rede de internet.</p>
<b>CRISTINA</b>	Ao longo do processo e diante de diferentes desafios creio que atualmente a tecnologia tem sido facilitadora de acesso para formações, trocas com pares, acesso a materiais acadêmicos e

	<p>repertório que estão para além da Unidade Escolar. Considero está a maior aliada para acessarmos Congressos, Discussões, Grupos de Pesquisa de outros estados, inclusive.</p> <p>As mídias sociais diversas também tem contribuído no contexto profissional.</p> <p>Após retomarmos as atividades presenciais (Pandemia Covid-19), profissionais de Educação receberam notebooks e há uma semana recebi o acesso de senha <i>wi-fi</i> para uso profissional.</p>
--	--

VOCÊ RECEBE ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA DA COORDENAÇÃO QUANTO ÀS ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM UTILIZADAS PARA OS ESTUDANTES SURDOS?

Participante	Respostas
<b>JOANA</b>	Infelizmente não!
<b>RAFAELA</b>	Não
<b>CARLA</b>	<p>Então, a nossa coordenadora, ela entrou aqui o ano passado, ela não é especialista em educação de Surdos, nunca trabalhou com Surdos e tudo mais, mas ela tem uma busca de literatura, né? Mas questão prática ela não tem experiência nenhuma. Então assim, na minha experiência particular, falando por mim, eu vou fazendo o meu trabalho, eu faço planejamento, envio, mas não tem muito essa discussão, é meio que tipo, ah é isso, tá certo! Sabe? Porque é como se ela... “agora não, porque ela está gestante, né? Então ela não vem aqui”, mas o ano passado, quando ela estava aqui com <i>a gente</i>, ela entrava na sala como se fosse pra estagiar. Eu vim aqui até pra conseguir entender e estuda justamente pra poder pelo menos trocar figurinha. Por que orientar... a gente meio que conversa com os professores “ah, o que você acha de tal coisa, quando você quer um complemento de uma ideia, você fala com seus colegas, né? E é isso! Orientar assim, só quanto aos estudos de JEIF, né? É mais nesse sentido.</p>
<b>LETÍCIA</b>	<p>Ela (<i>coordenadora</i>) sempre foi muito aberta pra ver como que nós trabalhamos, perguntar como que a gente entende como é o letramento do Surdo, o que <i>a gente</i> precisa... de imagens, <i>a gente</i> acaba falando <i>a gente</i> precisa de tais coisas, aí ela corre atrás... de figura, de sondagem, os cursos de CP que ela participa, ela sempre traz algumas indignações, que ela tenta buscar ... “ah eu levei o que vocês estão em dúvida, o que vocês não concordam e tal, e aí ela dá o retorno <i>pra gente</i>, mas ela não interfere no nosso trabalho. Ela acompanha o que a gente faz, mas não interfere em nenhum momento assim de dar opinião... “ah poderia ser feita dessa maneira ou de outra”, ela não interfere.</p>
<b>CRISTINA</b>	<p>Não. Infelizmente nos últimos 6, 7 anos tem sido frequente a rotatividade da equipe de coordenação pedagógica/ assistentes de direção/ diretor /recém- concursados, recém-designados na função, professores de outras áreas do conhecimento assumindo a função e com pouca ou nenhuma experiência na atuação em escola bilíngue. Temos recebido inclusive pessoas que se quer compreendem as nomenclaturas inerentes ao público atendido e as características dos estudantes Surdos.</p>

	<p>Recentemente, tivemos duas servidoras públicas na coordenação pedagógica que passaram pela EMEBS como se fossem "Carimbar Álbum de Figurinhas" das diferentes modalidades de ensino na Rede e evitavam contato com os professores. Os atendimentos eram feitos através de <i>e-mails</i> e comunicações/ mensagens instantâneas em aplicativo.</p> <p>Após a aposentadoria de duas gestoras que eram habilitadas em EDAC e, inclusive foram professoras da U.E, estamos vivenciando a realidade da falta de experiência e da paciência em aguardar os profissionais tomarem posse das demandas e necessidades de professores e estudantes.</p> <p>Imagino como seria a minha prática atualmente se eu também fosse iniciante na área.</p>
--	--

#### QUAIS AS DIFICULDADES?

Participante	Respostas
<b>JOANA</b>	Coordenadora pedagógica tem pouco conhecimento na área da surdez e educação de Surdos, ela acaba aprendendo muito mais com os professores, do que conseguindo ensinar.
<b>RAFAELA</b>	Ter orientações específicas para atender a esse público
<b>CARLA</b>	<p>Eu trabalhei, fiquei onze anos lá na EMEBS Neuza Bacetto e vim pra cá o ano passado, então eu posso falar dessas duas escolas, né? O que a gente percebe é que "fluência" quando tem, é por parte da equipe docente, ponto. Os demais profissionais sabem se virar com as crianças, né? Mas não conseguem dar uma instrução de fato, responder a algo de fato, ter uma conversa com as crianças que é tão natural como em qualquer ambiente social, né? Mesmo em escolas (<i>comuns</i>) quantas vezes a gente vê em coisas compartilhadas que muitas vezes um ATE na hora do intervalo tá lendo uma historinha para um grupinho de crianças ou fazendo uma brincadeira e vamos lá... e conta os pontos, e brinca com corda e tudo mais, né? E no geral a gente percebe que tem essas vontades (<i>nas EMEBS</i>) então a gente vê aqui, por exemplo, eles pegando e tudo mais e querendo... São uns amores, né? Mas a língua não flui. Então a dificuldade não é uma questão assim das pessoas que lidam com as crianças não serem pessoas amorosas e que fazem um papel do cuidar, né? Não é isso, mas a questão da língua mesmo, dessa língua não fluir. E a gente sempre fala muito, né? Que, poxa vida, a escola é o único lugar aonde a criança vai e tem a língua dela. Mas se a gente parar para refletir realmente, é basicamente na sala de aula, não é na escola como um todo, em todos os momentos. Então acredito que isso é o que dificulta. né? Tanto aqui como na relação fora. Hoje em dia a gente já consegue selecionar ou reivindicar quando vamos sair com as crianças, o direito, a acessibilidade em Libras, seja por intérprete, ou seja diretamente. Na verdade, hoje a gente já se sente nesse direito, a gente fala, "ah, mas vai ter alguém (<i>intérprete</i>), vai ter explicação, a pessoa vai tá fazendo Libras, tal". A gente não quer nem precisar ter essa questão da</p>

interpretação, mas enfim, né? Como a gente foi no teatro outro dia foi incrível. Esse exercício da criança olhar o intérprete, os nossos pequenos olhar o intérprete, olhar a cena que era uma peça bem infantil, a cigarra e a formiga, é algo que ele vai usar pra vida inteira. Então também é importante que eles estejam nesses espaços. Obviamente ali estava contextualizado pra criança. Então aí tem é saudável, mas se fosse um teatro em Libras a *gente ia ficar louco*, falar meu Deus!!! Né? Olha que maravilhoso! Então, o que a gente percebe é isso, assim, avanços tiveram, hoje a gente solicita (*intérprete*), a *gente* pergunta se tem, e se não tem a *gente* questiona: e como faz para ter? Né? Mas eu acredito que seja mesmo isso, essa questão de em casa não tem (Libras) a gente se vira né? Na última reunião de pais eu falei sobre isso. Sobre essa questão da educação e que as nossas crianças não são crianças *para sempre*. Eles crescem, tem senso crítico e vão buscar... Se eles não têm informação e formação até de caráter, de vida e tudo mais, eles vão buscar isso fora, e fora qualquer pessoa pode ensinar qualquer coisa, né? Então, acredito que é muito sobre isso, sabe? Sobre essa barreira de comunicação mesmo. E aí pelos corredores mais especificamente na escola, ainda eu percebo isso.

Embora a galera já esteja buscando muito aprender, muito a se virar e a se comunicar com eles. É legal de ver, eu fico feliz. Mas aquilo, né? É um processo.

Outro dificultador também que eu percebo é que parece que existe um trâmite que é pra que os Surdos professores ou instrutores não se estabeleçam e não crie essa cultura do uso da Libras dentro da escola, nesses espaços. Então, por exemplo, eu tenho um colega Surdo que ele tem formação em sociologia, prestou concurso e pelo fato dele ser oralizado ele não conseguiu passar no exame médico e ele não assumiu o cargo dele. Enfim, acho que optou por não entrar com um processo, mas não conseguiu. Então nós recebemos professores Surdos, contratados. né? Na outra escola tinha a professora surda, era concursada e entrou, aí assumiu, tá lá tal, aqui nós temos a Bruna para além dos instrutores, mas aí você vê, ah o contrato é de um, dois anos aí você tem que ir embora. Então quando ela está fazendo o trabalho dela que a coisa está indo encerra o contrato. Um instrutor, fica um ano no máximo dois anos troca. E aí esse não é o lugar onde essas coisas ficam sendo estabelecidas de fato. É uma escola de ouvintes, comandadas por ouvintes que no geral não entendem nada da cultura e de fato não entendem, né? Criando um ambiente que deveria ser pro Surdo e não é, então eles estão sempre sendo vistos, tipo assim, por debaixo do olhar do ouvinte. E a gente tem assim, tipo uma consciência, um discernimento, porém ainda somos ouvintes. E quando a gente entra no embate pra defender que reuniões devem ser feitas na L1 (Libras), obviamente se não tem nenhum Surdo aí não tem porque não falar na nossa língua de conforto e vamos falar sobre tema que é pertinente a escola obviamente. Mas se tem esses profissionais (*Surdos*) tem que ser. E não é certo falar: Depois eu te explico... Não! Tipo, não tem desculpa. Não pode nem sonhar com isso porque a lei

tá aí, desde 2002, já são vinte anos e a EMEBS está aí à onze anos, não adianta você vir falar pra mim em 2022, onze anos depois da lei da Escola Bilíngue você vir falar pra mim que depois a gente vai ver, eu vou brigar, eu vou falar, eu vou me posicionar. Então eu acho que tem muito a ver com isso assim, essa questão assim de dificuldade mesmo assim, essa coisa do ouvinte cuidando da escola do Surdo para o Surdo e em contrapartida os Surdos vem pra escola, tão na escola o que legal mas eles não conseguem se apropriar fato e ocupar esse espaço não só fisicamente falando, né? De sugerir coisas de não só isso, mas de criar essa cultura mesmo, sabe? Acho que é muito pouco tempo pra se fazer e depois ter que sair (*refere-se aos contratos*), não saiu porque você quis, você teve que sair.

Eu posso fazer mais um comentário? Tem os professores que não sabem Libras e trabalham na escola, aí fica aquela situação de: “você, você e você (escolhendo professores) que sabem mais libras ficam com as turmas do Fund 1, aquela professora que não sabe fica com o infantil e aí eu falo “não”, tipo assim, é uma etapa fundamental para a criança, então você já vê daí que esse olhar de cima, o olhar de mando em relação ao Surdo é totalmente equivocado e prejudicial pra uma vida que não é nem você que vai dar conta. É o outro que vai dar conta. Entendeu? Então Com isso, assim, a escola perde muito, né, porque a criança vai avançando e sempre, tipo assim, quando a criança é pequena, ela merece menos. Porque o outro, afinal de contas, merece mais. Ou porque o outro precisa ser mesmo prejudicado, percebe? Assim como é tudo sempre tapando um buraco aqui e outro ali. Né? Enxugando gelo.

Desculpa, preciso falar mais uma coisa, (*risos*) vamos conversando e lembrando de outras coisas né, por exemplo, nós estamos dentro de uma Secretaria Municipal grande, porém nós temos as regiões e temos pessoas especialistas dentro de cada região como o pessoal do Cefai, por exemplo, e um entrave muito grande é não ter um olhar para os bebês Surdos. Né? Quando a gente estava na fase da construção do Currículo bilíngue teve professores falaram muito sobre essa necessidade lá nos GTs, questionando: “E os bebês? não vai ter? vai acontecer? ...Mas é uma coisa que a gente não vê, né? E que muitas vezes essas crianças, mesmo criança de dois, três, quatro anos, cinco anos não estão nas escolas bilíngues, e aí só vem pra cá no primeiro ano do Ensino Fundamental. Então assim, não teve estimulação enquanto bebê, ficou invisível na rede, ninguém percebeu, ninguém viu, ninguém recebeu uma audiometria. Vou falar uma coisa, tem profissional da rede que não sabe que existe EMEBS ou não sabe o que é uma escola bilíngue para Surdos, e aí acha lindo quando você fala, mas isso não importa o que importa, o que importa é que o Surdo não está aqui (EMEBS), o Surdo está em outro lugar, né? Então eu acho que isso assim, isso é um entrave muito grande para a criança principalmente, obviamente, ela vai chegar aqui, a gente vai fazer o que pode, mas o entrave na vida dessa criança que demorou pra chegar aqui, E aí você vê que a sociedade civil não tem o menor conhecimento sobre surdez, não existe a menor orientação, né? Você tem seu filho e vão falar assim, “ah,

	<p>então você leva no otorrino, fonoaudiólogo e a gente vai ver o que a gente pode fazer pra “consertar teu filho”, mas se nada der certo, sabe Libras, você já viu aquele quadradinho que tem na televisão? Ah, seu filho pode aprender aquilo e conversar igual o quadradinho da televisão”. Porque faz da Libras como se fosse algo que tipo assim, ah, isso não, é a última opção, não tem status humano, praticamente isso, ainda né... Não são todos. Mas a gente vê que ainda existe isso, né? Então eu acho que isso é um entrave, sabe? Essa falta de comunicação dentro da própria SME de não ter os encaminhamentos pra esses bebês e crianças muito pequenas que precisariam já ter esse olhar não só em casa, não só de orientação aos pais, mas de ter um profissional ouvinte ou até preferencialmente Surdo pra fazer estimulação da criança.</p>
<p><b>LETÍCIA</b></p>	<p>Então o que eu percebo principalmente esse ano, que chegaram professores Surdos aqui, às vezes, um relacionamento de conversas em corredor eles não têm uma conversa com todas as pessoas (<i>uso da Libras</i>). E por ser uma escola bilíngue deveria ter. Principalmente numa sala de professores que estão todos os professores lá, se tem um professor Surdo bilíngue, então teríamos que deixar a conversa em português falado e trazer pra Libras, e é algo cultural. Desde que eu entrei aqui na escola eu ainda percebo isso e os anos vão se passando, outros professores vão chegando e a cultura continua a mesma. Às vezes eu sinto que o Surdo adulto professor se sente meio excluído, em um lugar que ele teria que ser o foco principal, ele que é o modelo principal pra gente, a primeira língua dele dentro da escola. Então não deveria acontecer isso, então isso é algo que eu percebo dos cinco anos que eu estou aqui, entra professor, sai professor, mas parece que a cultura ouvintista continua ainda aqui na escola. Não sei como são nas outras escolas mas aqui pela minha experiência daqui que eu trabalho aqui, nesses cinco anos foi essa e é triste porque quando você luta por uma igualdade... ainda saem bravos (risos) porque a gente às vezes na luta por eles (Surdos) e às vezes eles não se impõem também como: “é a minha língua que deve ter nessa escola”, e eu percebo essa cultura que tem que mudar.</p> <p>Eu acho que também a dificuldade de que muitos profissionais às vezes chegam na escola e apenas tem o certificado de especialização em educação de Surdos, mas não sabe falar um oi tudo bem qual o seu nome? Ou pede pra gente “aí, vem aqui, me ajuda aqui, o que ele está falando?” E aí essa pessoa vai pra sala de aula. Entendeu? Sem saber a primeira língua do estudante. Aí a gente reclama que a criança chega tardiamente na escola, aí ele (<i>criança</i>) passa um, dois anos com um professor que não consegue se comunicar com ele devidamente às vezes só o básico de uma comunicação, mas como vai passar o português, como você vai ensinar uma gramática da língua sendo que não sabe nem os sinais. Então eu acho que é um problema muito grave. Aí, às vezes, as crianças chegam no infantil com três aninhos... eles não chegaram tardiamente ao visto da sociedade, eles deveriam estar aqui desde os dos primeiros meses, né? De vida, mas no caso da EMEBS a</p>



	gente tem o infantil, e eles chegaram. Mas e aí, e o professor sabe se comunicar em Libras? Porque se ele não sabe se comunicar como que ele vai levar aquela primeira língua pra ele ( <i>Libras</i> ).
<b>CRISTINA</b>	<p>Falta de orientação pedagógica para atender as demandas atuais de SME (sondagens, avaliações externas, calendário escolar, orientação sobre Formação da Cidade - Curso obrigatório da SME. Apesar de participar da JEIF (Jornada Especial de Formação) as questões do Ciclo Alfabetização não são abordadas, pois a maioria do grupo pertence ao Ciclo Autoral. Consequência da Extinção de um Grupo de Jeif na Unidade Escolar.</p> <p>Dificuldade na organização do cotidiano/ período escolar. Ausência de Professores/ Redistribuição de Estudantes - o que atrapalha o planejamento e rotina do grupo.</p> <p>Falta de clareza da equipe gestora quanto as necessidades pedagógicas dos estudantes, defasagem na aprendizagem, falta de trocas de práticas pedagógicas entre os pares do Ciclo e do período.</p> <p>Dificuldade e falta de orientação pedagógica no atendimento de estudantes Autistas, Estudantes com TDAH, Estudantes com Baixa Visão.</p> <p>Falta de Apoio (estagiários Programa Parceiros de Aprendizagem) para o Atendimento de Estudantes com Múltiplas Deficiências para que o trabalho de Educação Bilíngue seja efetivado com Estudantes Surdos.</p> <p>Visitas esporádicas da Equipe CEFAl (observações de porta de sala, apenas).</p> <p>Falta de trocas com professores de aulas extras - Professor de Sala de Leitura, Informática Educativa, Educação Física, Arte e Instrutores de Libras - Conselho de Classe Coletivo, Participativo. Reuniões Pedagógicas Colaborativas.</p> <p>Falta de análise de materiais adequados para Letramento e Alfabetização, Pedagogia Visual</p>

QUE METODOLOGIAS VOCÊ UTILIZA PARA ENSINAR A LÍNGUA PORTUGUESA PARA OS ESTUDANTES SURDOS?

<b>Participante</b>	<b>Respostas</b>
<b>JOANA</b>	Procuro elaborar atividades visuais e contextualizadas. Também gosto de trabalhar com projetos e sequências didáticas.
<b>RAFAELA</b>	Metodologia? De verdade, não sei!! Desculpe. Gosto de fazer leituras de textos, de imagens e escrever sobre o que são. Faço leituras e faço um vocabulário das palavras principais. E outras estratégias.
<b>CARLA</b>	Mesmo que os outros currículos não sejam especificamente pra Surdo eu percebo que o conteúdo que tá ali é um conteúdo universal, né? É muito da questão de como você vai usar uma língua pra estabelecer ali aquela mediação, como você vai mediar esse conhecimento. Sabe? Tem mil possibilidades de imagens de vídeos e etcetera incluindo a questão do texto, né? Sobre essa questão do texto eu acredito muito nessa coisa de trabalhar a visualidade, muito assim na perspectiva Vygotsky, Bakhtin, indo por esse caminho, sabe? Da visualidade e pensando nos contextos que essas crianças

	<p>vivem da escola e da família e por onde elas passeiam ...Eu tenho grupo de <i>WhatsApp</i> com as famílias, então, por exemplo, uma atividade recorrente que todas as escolas fazem por exemplo de segunda-feira é resgatar o que a criança vivenciou no final de semana. Eu estava vendo nas orientações tem uma atividade que eu enviei, aí eu estava lendo, falei: “Nossa, minha atividade de final de semana, nossa, mas hoje em dia eu já faço um trabalho muito melhor com isso, hoje em dia eu peço para as famílias me enviarem fotos, já peço antes “ó, tira foto das coisas significativas”, porque por exemplo, lá no primeiro mês eu vou direto na imagem, quando eles já entenderam o que a gente está falando, porque a gente vai no calendário mostrar o dia, tal... Você estava em casa, é o vermelho e conta o que eu fiz, mostro foto do que eu fiz, quando chega num próximo momento eu falo e você, o que você fez? Por quê? Eu já tenho as fotos pra mostrar pra eles, mas eu quero saber se o que eles fizeram, assim uma coisa de legal, tem realmente a ver com a foto que a mãe mandou. Porque às vezes a criança gostou de brincar com o gato mas a mãe quer contar que ela comeu o bolo de chocolate e tirou a foto da criança, mas a criança brincou com o gato, Tipo, aí teve uma festinha na casa do vizinho, mas a criança foi contar que fez outra coisa e aí você agrega, você consegue entender outras coisas que a criança fez porque ela já entendeu o processo. E ao trabalhar isso, essas demandas que a gente traz, né? Que as crianças trazem e tudo mais, tudo que você coloca na lousa, digamos assim, numa escrita, aquilo já tem um outro significado. Muito maior, né? A Yasmin, a aluna nova, ela trouxe que a tia é criança, ela tem uma tia que é criança e o primo ali da mesma idade vieram de avião de um lugar que ela não soube me dizer de onde, mas isso não estava na foto. A foto era deles no sofá jogando videogame e ela falou, “eles dois mala aguardou, guardou, foi embora, avião, ah, saudade (<i>explica a sinalização da criança</i>) Então, assim, a criança vai agregando coisas e tudo mais. Então, quando isso vai lá pra escrita, a criança sente, então ontem ela já chegou e já fez o sinal que ela deu pra essa tia, né? (<i>Sinal significa seu nome na comunidade surda</i>) Que é criança. Aí ela já fez assim e escreveu pra mim, Manuele. Por quê? Porque a criança busca saber escrever aquilo que ela tem intenção, e eu fico dando muito corda pra isso. A gente conta historinha, temos a contação de história, do livro que escolhemos pra fazer a sequência didática, vamos fazendo que eles tenham interesse só que essa experiência de falar sobre a vida deles faz com que eles olhem e falem assim, “isso daqui foi o que eu fiz, esse textinho aqui é do meu sábado que eu fiz tal coisa do meu domingo e eu fiz tal coisa. Eles querem saber, eles vão decorando aquela palavra a princípio né? Até tipo internalizar e tudo mais.</p>
<b>LETÍCIA</b>	<p>Eu costumo trabalhar o relato de final de semana, identificar o dia no calendário, mostrar que dia que passou, o que ele (<i>criança</i>) fez. Agora eles estão desenhando, o antes eu pedia foto mas agora eles desenhavam e trazem um pequeno texto, pequena frase daquilo, às vezes são apenas palavras soltas. E aí quando eles chegam aqui na sala que eu mostro... por exemplo, da semana passada pra cá nós</p>

	<p>começamos fazer isso, eu gravo aquele primeiro momento deles abrirem o caderno e mostrar o que fizeram aí eu gravo eles falando em Libras e aí depois eu vou perguntando, mas esse daqui é o quê? E aí eles vão me explicando e a gente vai montando a frase no português, na gramática, né, na melhor forma que poderia ser. São pequenas frases e aí depois a gente faz no computador, no Word, a gente vai pesquisando na internet os sinais daquilo que eles sinalizaram (<i>imagens</i>). E a gente monta o relato sinalizado e depois eu gravo o vídeo dele sinalizando que seria assim “o mais completinho” né? Porque às vezes eles não sabem o sinal por exemplo de “mercado” aí faz só o sinal da sacola cheia de coisas mas não sabe sinalizar “mercado”, aí eu abro lá na internet e pergunto: é mercado é hortifrúti (<i>mostrando imagens</i>) aí eles vão mostrando e a gente vai completando, essa é a vivência deles. E de sequência didática por contação de histórias também a gente utiliza bastante o portador original para que eles conheçam, Título, autor, tal... E depois vou mostrando no data show, a gente usa muito o visual. É basicamente isso, a parte do português a gente vai trabalhando dessa forma, pelo menos eu vou trabalhando dessa forma. Porque eu percebo que eles vão rendendo mais... É muito engraçado porque eles chegam e já querem contar, antes mesmo de abrir o caderno, é muito significativo pra eles. Agora esse ano estou com o segundo (2ºano). É muito engraçado porque no começo do ano eles só davam um joinha tipo: aí você pergunta é isso? Ele eles diziam “uhum” (<i>sinalizando com um joia afirmando que sim</i>) Aí agora eles estão começando a interagir e isso tem sido bem significativo. E na escrita eles já estão fazendo as tentativas, sem o medo de usar hipótese, sem medo de errar, e aí depois que eles verificam que a palavra eles escreveram, eles olham no caderno e percebem que está errada, eles já querem apagar e arrumar, é bem legal.</p>
<b>CRISTINA</b>	<p>Imersão, contextualização, participação no processo de aprendizagem, visualidade, interação, dialogicidade, pesquisas, exposição de ideias, conteúdos e conhecimentos.</p>

VOCÊ TERIA SUGESTÕES EM COMO MELHORAR O SEU CONTEXTO  
PROFISSIONAL? COMO?

<b>Participante</b>	<b>Respostas</b>
<b>JOANA</b>	<p>Acredito que a formação é um caminho. Mas eu acho que nós temos muita formação teórica, muitas vezes falta a formação prática. Também que a nossa classe de professores, tanto dentro das escolas, como de outras Emebs, não trocam experiências. Temos professores com experiências incríveis, didáticas e metodologias excelentes, e nós não conseguimos ter essa troca. Não consigo visualizar a teoria longe da prática. Muitos de nós temos a teoria (os próprios currículos), mas quando precisa colocar na prática, entendem ou não sabem como fazer isso.</p>
<b>RAFAELA</b>	<p>Seria bom se o ambiente de trabalho fosse mais humanizado. Não somos máquinas.</p>
<b>CARLA</b>	<p>Eu acredito que a gente precise de algo que a SME não dá conta e os profissionais que nós temos aqui já não dão mais contas, essas</p>

peças que vieram de fora com muito gabarito, muito conhecimento como a Cristina Lacerda, a Neiva Aquino agregaram muito conhecimento e valor pra nós, a gente precisa repensar e trazer isso de novo, sabe, pessoas que tragam pra nós, a língua de sinais numa perspectiva, num status lá em cima, pra gente ter um estudo de língua sério. Sabe assim, tipo, entender o funcionamento da língua de uma maneira muito mais profunda. Discutir isso, discutir o que está sendo feito em outros lugares, assim, de uma maneira muito mais forte, muito mais real, como nós vemos em congressos de linguística, da língua de sinais ou de tradução e interpretação que ocorrem e nós não temos incentivo nenhum de participar. Vai ter agora no mês que vem e eu falei para a minha gestão: A SME não dá um incentivo para um professor ir, se você quer ir no evento, você tem que pegar um papel (*solicitação de folga na escola*), ver se alguém vai ficar no seu lugar, bancar tudo (*pagar R\$*) Do seu bolso, fazer conta da dispensa do ponto, entendeu? E aí assim, para uma formação que você ainda tem que trazer e compartilhar com todo mundo. Ou seja, você só gastou se perdeu teu ponto do dia, né? você só não teve o desconto do salário, o resto você perdeu tudo, né?

Eu fui em vários, mesmo nessa condição, mas agora eu não tenho condição nenhuma, ninguém vai me liberar com a escola como está, o pessoal começou a chegar agora (*professores contratados*), você tem que pedir com dois meses de antecedência, uma dispensa de ponto, né? E eu falei: qual incentivo que um professor bilíngue tem nessa rede, né? De se desenvolver realmente, de fazer discussões em um outro nível. Porque pra ficar falando as mesmas coisas... eu estou aqui na rede desde 2008, em escola bilíngue desde 2009... Mas a gente está discutindo basicamente as mesmas coisas desde a implementação da escola bilíngue em 2011. Tipo, vamos trazer mais! Por exemplo, veio o Felipe, pessoal de Santa Casa, a Silva (*Assessores para a construção do Currículo Bilíngue*) pra fazer a implementação do currículo, foram discussões maravilhosas, mas a gente não pensou num sentido profundo, né, de formação para o professor. Então, por exemplo, no Currículo tem lá a escrita de sinais (*Sign Writing*), mas até hoje não teve a formação em escrita de sinais e pra você ter uma escrita de sinais você tem que entender muito bem o funcionamento da língua utilizada ali na comunicação. Então, por exemplo, eu corro atrás, beleza, mas e todo mundo, tipo, a rede é feita de pessoas, de um trabalho de compartilhamento de conhecimentos e todo mundo deve dar o melhor pro seu estudante, não só a professora fulana, não só a professora cicrana, todo mundo, né? E se você não der o melhor, vem a SME e te cobra: "poxa vida, olha, nós aqui da rede oferecemos essa formação e por que você não está fazendo, possibilitando determinadas coisas?". Então, acredito assim, é o que eu falei, gente, já avançou muito em documentos, em possibilidades, em sugestões, orientações, etcétera e tal. Mas gente precisa de algo maior no status de língua principalmente de compartilhamentos de outras práticas de outros lugares, trazer coisas, né? Discutir isso para que a gente realmente

	<p>avance, sabe? E tenha a educação bilíngue para Surdos que a gente almeja, que os documentos falam, que a teoria prega, né? É o que a gente quer.</p> <p>Eu acredito que, pelo menos uma vez por ano deveria ter aquela “Parada Pedagógica” mas da nossa área, não aquela pessoa que vem falar sobre o que nós já sabemos, disso eu já estou cansada, eu gostaria que tivesse uma parada igual acontece nos congressos por exemplo da UFSC, onde apresentam vários trabalhos, diferentes ideias e tipo, nossa eu fico maluca de ver quantas coisas legais, porque lá eles tratam a Língua, o status linguístico da Libras em um nível mais elevado, parece outro mundo sabe, eu acho que a SME tem que trazer essas possibilidades para nós como formação, para que possamos subir essa montanha e conseguirmos de fato dar o melhor para as nossas crianças, porque individualmente eu vejo o quanto eu corro atrás, mas, “uma andorinha só não faz verão”, precisamos disso para a REDE como um todo.</p>
<b>LETÍCIA</b>	<p>Acho que eles poderiam aproveitar o período de JEIF, que é o horário coletivo pra trazer palestrantes que fazem realmente diferença no mundo dos Surdos, né? Como professores, mestres, doutores que tem participado de congressos, e também a questão dos congressos que a gente não tem possibilidade de participar. Principalmente os que são no período letivo, né? E quando é férias a gente acaba pagando pra estudar e é sempre do nosso bolso, formações, reciclagem... acaba sendo um esforço individual.</p> <p>Também a falta de continuidade das formações, por exemplo os GTs que tivemos para construção do Currículo, parou. E aí a gente fica com aquele sentimento de abandono, né? Essas formações começam aí você fala assim: “Nossa, agora vai” porque era a sensação que eu que eu tinha lá no GT, assim, “nossa agora quando começar a gente vai ter outro olhar, outras propostas, nossa a gente vai ter palestra com aqueles formadores superentendidos da área da surdez e não tivemos nada”. É uma busca que ou você busca sozinho ou você se acomoda. Muitos já se acomodaram, Né? A gente ainda tem tentado buscar. Mas tudo ao nosso bolso, né.</p>
<b>CRISTINA</b>	<p>Sim, diante das experiências apresentadas pelos estudantes, dos desafios que são impostos pelas circunstâncias penso que vivemos um retrocesso quanto à Inclusão de Pessoas Surdas nas escolas regulares junto com ouvintes, sendo assim, minha sugestão seria realmente um olhar amoroso e responsável pela formação adequada das pessoas Surdas no Município de São Paulo dando a eles reais condições de aprendizagem. Escola Bilíngue especificamente para Surdos.</p> <p>Compreendo que seja polêmica a questão, mas entendo que EMEBS não deve ser depósito de Sujeitos com Múltiplas Deficiências com Necessidades tão dispares, pois percebo diariamente que os Surdos não estão tendo seus direitos de aprendizagens respeitados quando uma única professora atende no mesmo ambiente durante 6 horas/aulas, autistas, crianças com Múltiplas Deficiências e Surdos usuários de Libras. Impossível ser multitarefa e, obviamente não é possível realizar um trabalho assertivo e de excelência.</p>

	<p>Ambiente inadequado e Insano para todos - alunos autistas em crises, professor tendo que conter os sujeitos para evitar acidentes, sinalizar em Libras e orientar o estudante Surdo.</p> <p>Penso que seria necessário também capacitação/ formação em serviço para todos os profissionais que atendem a pessoa Surda (Ates, Gestores, Equipes de Terceirizados - Alimentação e Limpeza). Ambiente realmente bilíngue, imersão para todos.</p> <p>Sem contar, que o fato de ter capacitação específica "inibe" a entrada equivocada de servidores que procuram escolas menores com o intuito de "descanso dos ouvintes" ou aqueles que se apoiam no discurso de que não entendem o que as crianças estão dizendo para não cumprir com suas atribuições.</p> <p>Penso que deveria ser exigido e comprovada a formação/titulação de Gestores realmente capacitados/ habilitados para Gestão de Unidades com Público - Alvo Surdos. Fato pouco provável em Instituições sérias/privadas que atuam com Educação Bilíngue.</p> <p>Como um coordenador pedagógico irá tratar de formação/orientação se ele mesmo não tem formação? Como um diretor de escola irá tratar questões educacionais com pais Surdos, Estudantes Surdos se o próprio não consegue se quer comunicar com o Sujeito?</p> <p>Acredito que haveria menos ruído se os profissionais das EMEBS fossem orientados diretamente por SME - DIEE como era antigamente.</p> <p>Sugestão de encontro de profissionais das EMEBS, trocas de práticas pedagógicas, publicações com experiências profissionais e pedagógicas, produções e análises em diferentes mídias para apoio das equipes. Repositório de atividades bilíngues das diferentes áreas do conhecimento. Festival e encontro de estudantes Surdos, encontros de Famílias das EMEBS para trocas de experiências, relatos de vivências e discussões de temas de interesse de cidadania.</p> <p>Ações reais com o intuito de promover uma educação para Surdos com qualidade e responsabilidade. Remuneração decente para todos os profissionais da área, melhores condições de trabalho. Respeito.</p> <p>Na U.E em que atuo, precisamos diariamente fazer apontamentos quanto a limpeza do ambiente (Empresa terceirizada encaminha número reduzido de profissionais).</p> <p>Manutenção de equipamentos precária. SME enviou há 2 anos equipamentos (projetores e telas) e não permite que escola contrate prestador de serviço e, tampouco encaminha técnicos para instalação de equipamentos. Equipamentos encaixotados em cima dos armários e os estudantes sem acesso a um recurso que contribuiria com sua aprendizagem.</p>
--	--

#### O QUE VOCÊ ENTENDE POR ALFABETIZAÇÃO DE SURDOS?

Participante	Respostas
JOANA	Eu entendo que não basta o Surdo saber ler determinada palavra, ele precisa contextualizar ela, utilizá-la em diferentes contextos.

<b>RAFAELA</b>	Eu acredito que os alunos vão se letrando nos assuntos que os interessa, e dessa forma junto com estratégias dos profissionais vão se desenvolvendo
<b>CARLA</b>	Antes de pensar a alfabetização, temos que pensar na aquisição da língua materna, ela vai sustentar as diferentes formas de registro que as crianças vão fazer ao longo da vida, na perspectiva de alfabetização como L2, como código, a criança ver a palavra, mas que não tem números, tem letras e que significa algo. Normalmente, a gente supervaloriza a aprendizagem do nome e a partir disso damos continuidade.
<b>LETÍCIA</b>	Eu entendo, primeiramente, que a palavra alfabetização remete ao sistema fonético onde o estudante registra a ortografia das palavras por meio dos sons produzidos pelas sílabas. Constituindo-se alfabetizado, aquele que escreve corretamente e entende ao ler o que foi escrito. Portanto, a meu ver, não é aplicado ao estudante Surdo, pois não utilizamos esse sistema devido sua língua materna ser visoespacial.
<b>CRISTINA</b>	Entendo Alfabetização como processo. Processo de aprendizagem, processo de ensino, processo que envolve as habilidades de aprender a ler e a fazer registros gráficos escritos/ acessar sistema ortográfico. Refiro-me à Alfabetização na Língua Portuguesa - modalidade Escrita.  Mas os Surdos também passam por processos de alfabetização na Língua Brasileira de Sinais (e no caso da maioria dos sujeitos que atendemos na Emebs - processos tardios, pois ocorrem no ambiente educacional). Sujeitos que se alfabetizam na Libras quando acessam códigos de comunicação através de Sinais e registros na modalidade visoespacial. Cabe lembrar que o Surdo também precisa desenvolver a consciência metalinguística, conhecer, refletir sobre a língua em uso enquanto utiliza a própria língua. Língua esta que também é de instrução. Aquisição da Língua de Sinais, compreensão de funcionamento desta língua e suas estruturas)

#### O QUE VOCÊ ENTENDE POR LETRAMENTO DE SURDOS?

<b>Participante</b>	<b>Respostas</b>
<b>JOANA</b>	Acredito que a Alfabetização e o Letramento andam juntos, se o Surdo souber ler a palavra, imaginar um contexto para ela, utilizar em outros contextos, atribuindo função e significado, ele pode se considerar letrado.
<b>RAFAELA</b>	Entendo que os alunos têm interesse por determinado tema e isso facilita a aprendizagem da língua portuguesa na modalidade escrita.
<b>CARLA</b>	O Letramento trabalha um significado muito maior do uso da letra, do significado das frases no mundo, a partir de um texto, de uma receita... na verdade a receita também é um texto né, mas, nos variados tipos de texto, por exemplo, uma parlenda, um recado, um convite... e a criança vai observando que aquele texto tem uma função social, e ainda que aquela criança não tenha as competências

	<p>de alfabetização compreendida, a partir do letramento ela é capaz de saber que texto é aquele, e sabendo que texto é aquele a criança faz a busca de informações, se ela observar um convite e entender que é um convite, ela buscar saber que dia vai ser, que hora acontecerá aquele evento, o endereço... se ela percebe que aquele texto apresentado é uma receita, ela vai buscar informações sobre os ingredientes, sobre o modo de fazer... eu acredito muito que a aprendizagem desse processo de letramento traz para a criança surda e ouvinte né, no nosso caso estamos falando das crianças surdas, a capacidade de pesquisa, então, quando eu conheço aquele texto, eu desenvolvi a capacidade até de lançar aquela palavra que eu vi no meu celular, ou no computador, posso pedir para o papai e para a mamãe para eu ver as imagens e ter uma melhor compreensão.</p>
<b>LETÍCIA</b>	<p>Entendo Letramento de Surdos como a aprendizagem e registro português na modalidade escrita(L2), sendo considerado como segunda língua do estudante Surdo e a Libras (L1) como sua primeira língua. Nesse processo, o estudante baseia-se em sua vivência de mundo e em sua L1.</p>
<b>CRISTINA</b>	<p>Na realidade entendo Letramentos, Multiletramentos (visual, espacial, tátil, escrito, digital...) constituídos a partir de duas línguas (Libras e Língua Portuguesa) Tudo tão atual e necessário.</p> <p>Mas pensando especificamente sobre o letramento escrito, entendo letramento a partir do uso e das diversas leituras de diferentes Gêneros para uso em práticas sociais reais.</p> <p>Acesso a diferentes áreas do conhecimento através do registro escrito e do uso social. Conhecimento adquirido contextualizado e imerso em práticas sociais diversas.</p> <p>Quando atuava como Mediadora de Leitura para Estudantes Surdos tinha clareza do meu papel de Mediação e dos "passaportes" entregues aos estudantes quando fazíamos diferentes leituras, quando acessávamos espaços de cultura e fazíamos estudos de meio visando o aprimoramento intelectual, a ampliação de repertórios e sobretudo a possibilidade de trocas significativas nas interações proporcionadas.</p> <p>Entendo a questão de letramento de Surdos de modo mais amplo e complexo. E como sempre na Educação de Surdos, um tanto desafiador.</p>